



VI Congresso SulBrasileiro de Ciências do Esporte

“Pensando a Educação Física Escolar e Não-Escolar: estratégias na constituição de saberes”

13 a 15 de Setembro de 2012 - FURG

“PROGRAMAS, PROJETOS, ATIVIDADES” E TEMPO LIVRE: PROPOSTA DE PESQUISA SOBRE OFERTA DE PROGRAMAÇÕES SOCIAIS E EXPERIÊNCIAS DE INFÂNCIA.

Luis Eduardo Thomassim
Alexandre Bruno Oliani
Camila Rosa do Nascimento
Cleverson Neckel dos Santos
Gustavo Patrui
Leoncio José de Almeida Reis
Tatiana Ramos

RESUMO: *O presente texto apresenta uma proposta de pesquisa sobre a oferta de programações sociais destinadas a estudantes do ensino fundamental de escolas públicas, que são oferecidas fora das atividades curriculares da escola. Essa pesquisa pretende mapear a oferta destas programações na cidade de Matinhos, localizada no litoral do Paraná. Através de tal mapeamento, busca-se compreender e refletir sobre as experiências de infância em construção neste território, tomando como eixo de análise os processos de construção da infância forjados pela crescente oferta de programações de ocupação do “tempo livre”. Propomos uma perspectiva de análise relacional do objeto de estudo e nos apoiamos teoricamente nos estudos sobre infância, dentro das ciências sociais e nas abordagens socioculturais do lazer.*

Palavras-chave: *Projetos sociais; Infância; Lazer.*

ABSTRACT: *This paper presents a research proposal on the provision of social programs aimed at elementary school students from public schools, which are offered outside the normal activities of school. This research aims to map the supply of these programs in the city of Matinhos, located on the coast of Paraná. Through this mapping, we seek to understand and reflect on childhood experiences in construction in this territory, taking as analysis thread processes of childhood construction wrought by the increasing availability of schedules occupation of leisure time. We propose an perspective of relational analysis of the object of study and theoretical support on childhood studies, within the social sciences and sociocultural approaches of leisure.*

Keyword: *Social projects; Childhood; Leisure.*

RESUMEN: *Este artículo presenta una propuesta de investigación sobre la prestación de programas sociales dirigidos a los estudiantes de primaria de escuelas públicas, que son ofrecidos fuera de las actividades extracurriculares de la escuela. Esta investigación tiene como objetivo trazar el suministro de estos programas en la ciudad de Matinhos, situado en la costa del Paraná.*



VI Congresso SulBrasileiro de Ciências do Esporte

“Pensando a Educação Física Escolar e Não-Escolar: estratégias na constituição de saberes”

13 a 15 de Setembro de 2012 - FURG

A través de esta asignación, que tratamos de comprender y reflexionar sobre experiencias de la infancia en la construcción en este territorio, tomando como línea de análisis los procesos de construcción de la infancia provocados por la creciente disponibilidad de horarios de la ocupación del "tiempo libre". Proponemos una perspectiva de análisis relacional del objeto de estudio, teniendo como un apoyo teórico los estudios sobre los niños dentro de las ciencias sociales y los enfoques socioculturales de ocio.

Palabras clave: Proyectos Sociales; Niñez; Ocio

Introdução

O presente texto apresenta uma proposta de pesquisa sobre a oferta de programações (formativas, ocupacionais ou de lazer) destinadas a estudantes do ensino fundamental de escolas públicas, fora das atividades curriculares da escola. Essa pesquisa pretende mapear a oferta destas programações num determinado território, a cidade de Matinhos, localizada no litoral do Paraná. Através de tal mapeamento, busca-se compreender e refletir sobre as experiências de infância em construção neste território¹, tomando como eixo de análise os processos de construção da infância forjados pela crescente oferta de programações de ocupação do chamado tempo livre².

A construção desta proposta de estudo se vincula a dois tipos de justificativas. A primeira refere-se ao diagnóstico que optamos por realizar em função da implantação de um projeto de extensão destinado ao desenvolvimento de experiências de aprendizagem dos esportes coletivos³.

¹ Essa pesquisa se articula com um projeto de investigação maior, denominado “Experiências de infância no litoral do Paraná: práticas de socialização e sociabilidades”, desenvolvido numa perspectiva interdisciplinar no Setor Litoral da Universidade Federal do Paraná (UFPR Litoral).

² Optamos por utilizar a expressão tempo livre, pois achamos que o termo se aproxima mais da linguagem utilizada pelas instituições e sujeitos envolvidos na pesquisa. No senso comum, tempo livre é uma expressão comumente utilizada para se referir ao período de tempo no qual o indivíduo se vê isento das obrigações ou compromissos rotineiros. De acordo com Padilha (2004, p.220), grande parte dos autores que estudam o lazer também interpreta a expressão dessa mesma maneira. Sendo, para esses, o tempo livre o “tempo liberto das obrigações no qual se pode optar por fazer alguma atividade prazerosa, descansar ou simplesmente não fazer nada que o sujeito não faz nada por obrigação”, o lazer seria uma parcela desse tempo livre (ou tempo disponível, liberado) que “implicaria em realização de atividades”, enquanto o ócio estaria associado a “ideia de não fazer nada, de contemplação e preguiça”. A autora pondera, no entanto, que a expressão tempo livre já foi problematizada por diversos pesquisadores pois tempo algum pode ser verdadeiramente livre de coações, de lógicas e normas sociais, ou seja, não se trataria de um tempo completamente livre.

³ O Projeto de Extensão “Passando a bola! Socializações esportivas no litoral” viabiliza-se a partir de quatro aspectos político-pedagógicos e institucionais da UFPR Litoral. Primeiro, está articulado ao projeto mais amplo da UFPR Litoral, no sentido de produzir ações com impactos positivos para a população do território. Em segundo, é mobilizado pela vocação do curso de Gestão Desportiva e do Lazer em formar egressos habilitados para a atuação com ensino do esporte em ambientes não formais e em espaços não curriculares. Terceiro, nasce de uma sensibilidade ao apelo social que possui o esporte como promovedor de espaços e de relações de socialização de crianças e adolescentes. Dado interesse que desperta em parcelas destes segmentos, reconhecemos as potencialidades dos programas esportivos para



VI Congresso SulBrasileiro de Ciências do Esporte

“Pensando a Educação Física Escolar e Não-Escolar: estratégias na constituição de saberes”

13 a 15 de Setembro de 2012 - FURG

Percebemos a necessidade de conhecer as demais programações que são oferecidas aos estudantes de 9 a 14 anos, sujeitos com os quais nos propomos a atuar, no sentido de compreendermos quais outras experiências extracurriculares estão ao alcance destes e em que medida elas tem adesão do público para o qual se destinam. Neste sentido, esse mapeamento das programações oferece informações que possuem sentido prático imediato para a implantação deste projeto de extensão, por permitirem identificar eventuais semelhanças com ações já existentes, possibilidades de atuação conjunta e, especialmente, demandas de programações em determinadas localidades ou segmentos populacionais.

Uma segunda ordem de justificativas, diz respeito ao interesse de compreender os sentidos que estas programações assumem no cotidiano das crianças e de suas famílias. Neste caso, não se trata tanto de um interesse pelo sentido que poderia ser atribuído a cada programação isoladamente, mas aos sentidos que se constroem para as infâncias em determinados contextos socioculturais, com a crescente oferta de programações fora do turno escolar.

Neste sentido, esta linha de reflexão evita que nos coloquemos em um lugar de “avaliação” dos resultados destas ações, pois não se trata de analisar as programações em si, ou de verificar, por exemplo, se os seus objetivos estão sendo ou não alcançados. Ao mesmo tempo, embora esta oferta de programações sociais esteja vinculada a processos de atribuição de sentidos à infância em jogo na sociedade, a expressão territorial destes sentidos resulta de atores e práticas que podem variar de acordo com as relações configuradas em cada contexto.

Abordagens sobre a oferta de programações sociais

Os posicionamentos, otimistas ou pessimistas, sobre estas programações sociais, frequentemente recorrem a uma imagem pública genérica e idealizada sobre essas ações, cuja veiculação pelos meios de comunicação é recorrente. Essa imagem, que foi tomada por objeto de análise em muitos dos debates sobre o tema nos meios acadêmicos e da gestão pública, projetou-se a partir de uma *base empírica* comum: a cidade do Rio de Janeiro - particularmente aquilo que se mostra e se diz na imprensa nacional sobre as favelas, a violência e as ações sociais lá existentes - acabou servindo como *situação exemplar* da manifestação e proliferação dos projetos sociais. Conforme analisado em Thomassim (2010), faria “sentido, assim, afirmar que, desde o cinema,

trocadas culturais entre pares e intergeracionais, como também para promoção e reflexão de condutas, crenças e normas morais. Por fim, um quarto aspecto é a inspiração democratizante de determinada vertente da pedagogia do esporte, voltada a promover abordagens metodológicas que permitam a aquisição pelas crianças de um leque mais amplo de saberes vinculados a prática esportiva, rompendo com a concepção tecnicista e produtivista que predominaram em momentos anteriores. Diante disso, o projeto se desenvolverá através de oficinas de ensino de modalidades de esportes coletivos para crianças entre 9 e 14 anos, prioritariamente. O Projeto “Passando a bola!” não substitui nem concorre com os programas curriculares que, por ventura, as crianças estejam vivenciando na educação física escolar. Ao contrário, o projeto baseia-se na valorização de experiências já adquiridas pelas crianças, propondo-lhes uma variedade de oportunidades de aplicá-los e, ao mesmo tempo, provocando exercícios sistemáticos de tomada de decisão a respeito dos momentos e das situações que cabem mobilizar este ou aquele gesto esportivo. Neste sentido, o Projeto é uma oportunidade de ampliação do repertório de saberes técnico-táticos sobre esportes coletivos nestas quatro modalidades.



VI Congresso SulBrasileiro de Ciências do Esporte

“Pensando a Educação Física Escolar e Não-Escolar: estratégias na constituição de saberes”

13 a 15 de Setembro de 2012 - FURG

passando pela imprensa e chegando a produção acadêmica, grande parte da produção intelectual sobre o assunto teve projeção a partir do cenário urbano e social carioca”⁴.

Em que pese várias situações regionais brasileiras possam ser discutidas em suas semelhanças com a circunstância do Rio, estas realidades, no entanto, são mais facilmente entendidas nas diferenças que guardam em relação a ela. Isso nos leva a apontar que, não apenas inúmeras periferias urbanas brasileiras diferem-se dos morros cariocas - impedindo que entendamos as classes populares como grupo social homogêneo (ZALUAR, 2000; FONSECA, 2000) -, como também podem ser diversificadas as próprias dinâmicas das relações sociais locais que engendram as programações sociais. Nesta abordagem relacional do tema, que estamos propondo, estas dinâmicas locais podem exercer uma participação importante nos sentidos que estas iniciativas assumem; e é isso que torna o conhecimento do universo empírico de relações que envolvem estes projetos uma exigência.

Trabalhando com esta hipótese, vale perguntar: se a realidade é menos homogênea e mais plural e diversa do que os discursos sobre projetos sociais esportivos, porque esse discurso homogeneizador tem tanto alcance e penetração?

Como vários autores chamaram atenção, esta linguagem não é gratuita e encontra sentido nas formulações hegemônicas que predominam na implantação das políticas sociais. O exercício do poder acontece também pela disputa discursiva, onde conjuntos de palavras estão carregados de significados e produzem enunciados que pretendem mobilizar os agentes. Como tentativa de conformação ideológica da realidade, a linguagem homogeneizante proclama um consenso em torno do social, uma negação dos conflitos que tenta igualar atores desiguais: seja um voluntário que ensina crianças a jogar futebol aos sábados pela tarde, um projeto de uma empresa multinacional ou um clube de futebol da primeira divisão que inclui suas *peneiras* e escolinhas na sua *cota* de responsabilidade social.

Uma perspectiva relacional de análise

Os projetos e programações sociais estão tão amplamente disseminados entre uma parcela dos estudantes de escolas públicas brasileiras quanto as iniciativas de pesquisas que vem sendo produzidos a respeito deles nas universidades, desde diferentes disciplinas. Os estudos desenvolvidos oscilam em abordar ora as relações institucionais e políticas, tematizando o papel controverso das entidades da sociedade civil no cenário atual das políticas sociais e da promoção de direitos, ora o conteúdo das programações e os sentidos morais que elas carregam, discutindo os possíveis efeitos destas práticas na vida destes frequentadores.

⁴ O autor exemplifica que: “Na produção acadêmica Alba Zaluar (1994), Vitor Melo (2003) e Marcelo de Paula Melo (2005) são alguns exemplos significativos. No contexto da ação e produção cultural podemos tomar como exemplos o grupo Aforeage, a Cufa e produções cinematográficas como “Quanto vale ou é por quilo”. As chamadas Vilas Olímpicas e os projetos desenvolvidos nelas tiveram também bastante repercussão nacional, além da atuação de fundações, escolas de sambas e outros projetos esportivos entre crianças e jovens pobres”.



VI Congresso SulBrasileiro de Ciências do Esporte

“Pensando a Educação Física Escolar e Não-Escolar: estratégias na constituição de saberes”

13 a 15 de Setembro de 2012 - FURG

Entretanto, seguimos uma perspectiva de análise que defende um enquadramento relacional deste objeto de estudo (Silva, 2006), deslocando o foco das investigações da análise isolada dos discursos e procedimentos operados pelos projetos, para uma análise destes em sua relação com outros processos, atores e práticas que participam do mesmo espaço de relações sociais. Conforme Silva,

A adoção de uma perspectiva relacional na análise da sociedade civil possibilita romper com a noção de uma “natureza” preestabelecida e colocaria a necessidade de analisar, em cada configuração empírica específica, como a sociedade civil se constitui na e pela relação com outras dimensões da realidade social em estudo. Isto implicaria em rejeitar a concepção de que existiria uma sociedade civil cujas características já estariam definidas de antemão, mas sim diferentes configurações da sociedade civil, nas quais esta pode assumir características específicas e, até mesmo, contraditórias. (SILVA, 2006, 160).

Na mesma perspectiva, compreendemos que o sentido das programações ofertadas não pode ser presumido apenas pela análise isolada das programações, seus discursos e práticas.

Outro recorte analítico que julgamos interessante para compor uma leitura mais produtiva do sentido destas programações, é a análise das lógicas da participação do “público-alvo” no cotidiano destas programações (THOMASSIM, 2010). Oferta e participação constituem, assim, objetos de estudo relacionais, no sentido de que são nas relações engendradas que ganham seus sentidos.

Assim, sem desconsiderar as disputas que se ocultam e se revelam na linguagem, entendemos que não cabe igualar os sentidos destas ações e entendê-las como meros desdobramentos dos discursos dominantes ou apenas como processos de “subjetivação neoliberal”. Ao acreditarmos nesta suposta homogeneidade, acabamos por proclamar um consenso em torno da “questão social” que serve mais ao poder estabelecido do que para a sua crítica. Além disso, consideramos que os discursos que se expressam na imprensa, nos documentos dos projetos e nas falas de gestores e outros atores, são apenas parte dos dados a serem analisados, que não podem ser tomados como exclusivos.

Infância “público-alvo”: uma experiência particular

A noção de que a infância corresponde a uma fase natural da vida de um indivíduo, foi objeto da desconstrução de Ariès (1981), propondo-a como uma representação social construída modernamente. A representação moderna de infância, que passa a circular mais amplamente ao século XX, portanto, seria de que as crianças devem ser entendidas como pessoas em fase de desenvolvimento, ou, mais ainda, que devem ser alvo de atenções específicas, preservando-as para o aprendizado, o lazer e o crescimento saudável.

Um conjunto de movimentos que envolveram acordos internacionais e a fundação de organismos especializados e reformas legais expressaram a expansão dessa representação universalizada de infância. O registro e a reflexão a respeito desse processo já tiveram atenção de



VI Congresso SulBrasileiro de Ciências do Esporte

“Pensando a Educação Física Escolar e Não-Escolar: estratégias na constituição de saberes”

13 a 15 de Setembro de 2012 - FURG

muitos pesquisadores, que destacaram um conjunto de desdobramentos legais, institucionais e políticos ligados ao tema. Na esteira destas análises, muitos estudos chamam atenção para o desencontro entre essa representação universal e as condições de vida de muitos grupos de crianças em todo o mundo.

A partir desta constatação, duas perspectivas diferentes se apresentam na abordagem da temática da infância, sendo uma delas aquela que identifica a distância entre esta infância universal e a vida concreta das crianças, procurando indicar o caminho legal e político a ser percorrido para que a situação real se aproxime da ideal. Noutra perspectiva, o que se coloca em debate é a própria representação idealizada de uma infância universal, apoiando-se numa reflexão sobre as implicações culturais e políticas envolvidas na adoção determinados valores e modos de viver como ideais para toda a humanidade.

Situando este debate no contexto brasileiro, Fonseca e Schuch (2009) dizem que aqui “a permanência de clivagens profundas em termos étnicos, raciais, de gênero e de classe, associadas ao fraco poder de sedução do Estado em relação às políticas de normalização, tornou difícil a penetração de uma noção de ‘infância universal’ para além da norma jurídica” (2009, p.14). Nesse sentido, permaneceriam coexistentes na realidade brasileira diversas representações de infância, traduzidas de experiências particulares de condições sociais que crianças e jovens vivenciam quando pertencentes a determinados grupos sociais. Fonseca e Schuch citam como exemplo, entre outros, o estudo de Hecht (1998), no nordeste brasileiro, em que distingue a infância de classe média e dos grupos populares como uma infância *nutrida* e outra *provedora*, respectivamente. Poderíamos referir também o estudo de Martins (1993) entre crianças migrantes, no qual a infância se qualifica pelo que *vem depois*, referindo a herança da terra. Neste caso, segundo Martins, se trataria de uma infância como preparação para o futuro, e este futuro, por sua vez, se localizava no novo espaço para onde a família migrou.

É nesta mesma perspectiva que Thomassim (2010, p. 256) propôs pensar

na particularidade de uma experiência de infância definida pela condição de ser *público alvo* de certas políticas. Embora a participação em projetos sociais seja um fenômeno específico, até com reduzido alcance, produzem-se sobre ele discursos variados e mobilizam-se em torno dele atores também variados. As relações familiares e as relações entre pares repercutem a oferta de projetos para além das estratégias institucionais. A consequência poderia até ser mencionada apenas pela lista de espera por mais vagas em alguns projetos. Mas é a presença simbólica dos projetos no contexto da vila, que acontece em paralelo a sua materialização em atividades e que envolve mais do que os sujeitos que delas participam, que define os elementos de uma *experiência particular de infância*.

Segundo a análise desenvolvida neste trabalho, toda a criança moradora do território pesquisado seria potencialmente alvo de uma ação social que quer cuidá-la, protegê-la ou desenvolvê-la. Mesmo não havendo vagas para todas as crianças, a oferta de programações variadas é tratada pelas famílias como alternativa para sanar demandas ligadas aos cuidados e ocupação das crianças.



VI Congresso SulBrasileiro de Ciências do Esporte

“Pensando a Educação Física Escolar e Não-Escolar: estratégias na constituição de saberes”

13 a 15 de Setembro de 2012 - FURG

Mas a oferta também estimula a busca das famílias e das crianças por oportunidades de aprendizados, pela realização de projetos pessoais ou ainda, e apenas, pelas buscas de compartilhar experiências no interior de grupos de amizade. Os projetos passam, desta forma, a situar-se num horizonte de possibilidades dentre outras formas de viver a infância como uma criança pobre (THOMASSIM, 2010, 256).

Considerações finais: entre a ocupação do tempo e a idealização da infância

Concluimos nossa proposta de estudo apresentando a problematização que orienta nossa pesquisa de campo. A especificidade da experiência de infância em análise, comparada com as de outras gerações e lugares, seria, em primeiro lugar, a ampliação das alternativas de ocupações fora do horário escolar. Isto implica, também, numa experiência cotidiana em que o tempo está marcado por outros ritmos além daquele da escola, da família e da casa. Certamente, é ainda decisivo nesta experiência o fato de que estas ações são ofertadas de forma focalizada, e não de forma universalizada, e ainda se caracterizam como transitórias ou descontínuas. Isto remete a concordar com problematização feita por Fonseca e Schuch, nas qual as autoras dizem que

não é tanto a distância entre a ‘infância universal’ dos anseios legais e uma prática social recortada por desigualdades de classe, cor e gênero e etnia, que nos preocupa. [...] Aqui, o esforço para universalizar certa noção de infância – aquela definida acima de qualquer pertencimento social por ser uma fase da vida associada às noções de lazer, ingenuidade, aprendizado e com necessidades de uma proteção especial – tem sido acompanhado de uma política de promoção da criança e do adolescente como sujeitos de direitos universais, sem o acesso às de universalização dos próprios direitos. Como implementar a ideia da ‘infância universal’ sem transformar as práticas sociais, sem acabar com os mecanismos que geram as desigualdades? (FONSECA, SCHUCH, 2009, p. 15).

Neste sentido, o interesse desta proposta de pesquisa é investigar como são elaborados e operados os sentidos de lazer e de obrigação pelos diferentes sujeitos envolvidos nestas obrigações. Com este tipo de questionamento, esperamos refletir sobre os sentidos de uma experiência de infância conformada por esta ambiguidade: por um lado, propaga-se universalmente uma ideia de infância marcada pela ludicidade, pelo lazer e pela inocência, por outro lado, propaga-se a ocupação integral do tempo da criança através de programações fora do turno escolar.

BIBLIOGRAFIA

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1981

FONSECA, Claudia. **Família, fofoca e honra**: etnografia das relações de gênero e violência em grupos populares. Porto Alegre: UFRGS, 2000.



VI Congresso SulBrasileiro de Ciências do Esporte

“Pensando a Educação Física Escolar e Não-Escolar: estratégias na constituição de saberes”

13 a 15 de Setembro de 2012 - FURG

FONSECA, Cláudia; SCHUCH, Patrice (org.). **Políticas de proteção à infância**: um olhar antropológico. Porto Alegre: UFRGS, 2009.

HECHT, Tobias. **At home in the street: street children of Northeast Brazil**. Cambridge University Press, 1998.

MARTINS, José de S. (org.). **O massacre dos inocentes**: a crianças sem infância no Brasil. São Paulo: Hucitec, 1993.

PADILHA, Valquíria. **Tempo livre**. In: GOMES, C. L. Dicionário Crítico do Lazer. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

THOMASSIM, Luís Eduardo Cunha. **O “público-alvo” nos bastidores da política**: um estudo sobre o cotidiano de crianças e adolescentes que participam de projetos sociais esportivos. 296 f. Tese (Doutorado em Ciências do Movimento Humano) – Programa de Pós-Graduação em Ciência do Movimento Humano, Universidade Federal do rio Grande do Sul, 2010.

SILVA, Marcelo Kunrath. **Sociedade civil e construção democrática: do maniqueísmo essencialista à abordagem relacional**. *Sociologias*, Dez 2006, no.16, p.156-179.

ZALUAR, Alba. **Cidadãos não vão ao paraíso**. São Paulo: Escuta; Campinas: UNICAMP, 1994.